

MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE

MARTA MARIA AZEVEDO QUEIROZ
NILSÂNGELA CARDOSO LIMA
THAÍSA CRISTINA BUENO

Expediente

Marta Maria Azevedo Queiroz
Nilsângela Cardoso Lima
Thaísa Cristina Bueno

Direção Editorial: Edson Rodrigues Cavalcante
Projeto Gráfico: Ana Kelma Gallas
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
TI Publicações OMP Books: Eliezyo Silva
Apoio Editorial: Jader de Oliveira



MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Q3m
QUEIROZ, Marta Maria Azevedo; LIMA, Nilsângela Car-
doso; BUENO, Thaísa Cristina.

Mídia e Contemporaneidade: estudos transdiscipli-
nares / Marta Maria Azevedo Queiroz, Nilsângela Cardoso
Lima e Thaísa Cristina Bueno. (Orgs.). São Paulo: Lestu Pu-
blishing Company, 2022.

272 p. *online*. pdf.

ISBN: 978-65-996314-5-0

DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-5-0

1. Mídia. 2. Contemporaneidade. 3. Jornalismo. 4.
Ciências da Comunicação. 5. Sociedade Mídia-tizada. I.
Autor(a). II. Título. III. Editora.

CDD: 070.

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo: Mídia. Sociedade Mídia-tizada.
Comunicação.

A Lestu Publishing Company é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

LESTU PUBLISHING COMPANY

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300,
Brasil.

editora@lestu.org

www.lestu.com.br

(11) 97415.4679

Imagens da obra:
Canva (Creative Commons)



Todos os livros publicados pela Editora Lestu Publishing Company estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



4

Midiatização da educação superior: transformação versus reificação tecnológica

Reia Silvia Rios Magalhães

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de midiatisação da sociedade e de avanços de poderosos dispositivos tecnológicos cada vez mais disponíveis na atualidade – especialmente agora que estamos vivenciando a pandemia do novo coronavírus, desde março de 2020 – inúmeros desafios se impõem de modo crescente aos docentes e discentes dos diferentes níveis educacionais. Adentrando o espaço da educação superior traz também para vida acadêmica, não podemos negar, novas dinâmicas educativas, novas experiências, novos feitos de aprender e de ensinar.

Mas em que medida a midiatização da educação pode ser considerada como um fenômeno plenamente positivo, apto para auxiliar, transformar e criar condições para uma nova e rica relação de ensino aprendizagem? A midiatização da educação tem também outro lado? Um lado capaz de levar os agentes ao encantamento e daí, à alienação? A partir dessas questões, nosso interesse, neste texto, é refletir, a partir da pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório, do tipo bibliográfico, sobre o polêmico contexto da midiatização da educação, mais especificamente, do ensino superior, permeado de tensões e ambiguidades, ou seja, tencionamos capturar essas questões na literatura, isto é, do ponto de vista das ideias dos diferentes autores.

Podemos dizer que o objetivo disposto aqui requereu um recorte teórico e, assim sendo, a pesquisa respaldou-se nas concepções, tanto de autores da Comunicação, como nas ideias de autores da Educação. Recorremos à opinião de teóricos brasileiros, particularmente: Braga (2002), Fausto Neto (2006, 2008), Gomes (2021), Moran; Masetto; Behrens (2000), Martins (1998), Lemos (2002), Flores; Ribeiro; Echeverria (2021), Nascimento (2003), Peixoto; Carvalho (2021). Da mesma forma, recorremos, também, à teóricos estrangeiros, tais como os franceses Miège (2009), e Levy (1999, 2000), e o inglês Silverstone (2002), dentre outros que fazem da Comunicação, da Educação e Tecnologias e da Mídia Contemporânea, seu objeto de estudo e avaliação.

Nessa perspectiva, o presente texto, além da introdução e conclusão, está organizado em três tópicos: o primeiro aborda algumas considerações sobre o fenômeno da midiatização da sociedade, o segundo traz reflexões a respeito das implicações e possibilidades da midiatização da educação, especialmente no ambiente do ensino

superior. O terceiro, item central deste trabalho, levanta a discussão acerca da midiatização da educação como transformação versus reificação tecnológica.

2 MIDIATIZAÇÃO DA SOCIEDADE: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como vimos em estudos anteriores sobre a temática, todo o pensamento comunicacional foi se alterando ao longo dos tempos. A base material que constitui a comunicação passou por intensas transformações, oferecendo uma nova configuração e um novo sistema, capaz de englobar todas as formas de expressão. Trata-se de adentrar a mídia em todos os campos da vida social, em todos ambientes da vida humana, do reconhecimento de processos, e não simplesmente de tecnologias.

A partir dos anos 1990, com o avanço veloz e ininterrupto dos meios tecnológicos no panorama mundial, o termo mídia começa a ser largamente empregado na comunicação. As inovações tecnológicas vêm, assim, criando uma nova forma de sociabilidade e uma nova forma de comunicação e interação. Na atualidade, a sociedade está, portanto, mergulhada em um ambiente profundamente conduzido por processos midiáticos, em que já não se pode negar a relevância das tecnologias, mas que demanda, aspirando à inteligibilidade, uma abordagem não unidirecional e vertical da comunicação, transcendendo a dimensão instrumental e suscitando, valendo-se de tecnologias, um fluxo comunicacional constante que fortalece essa nova ambiência.

Na concepção de Fausto Neto (2006, p. 9):

Temos aí a passagem da sociedade midiática para a midiatização, uma vez que é graças à crescente complexidade da cultura dos meios que se dá origem, em tempos depois, algo que o próprio Mar-

tin-Barbero chamaria de “entorno comunicativo”. Não se trata mais da problemática dos meios subordinados às mediações, mas da emergência de nós e complexos objetos técnico-comunicacionais arquitetando uma nova ambiência e os padrões de funcionamento de novas interações sociais. (FAUSTO NETO, 2006, p. 9).

Nessa mesma perspectiva, Miège (2009) fala das mídias como dispositivos sociotécnicos e sociosimbólicos, fundamentados progressivamente sobre um conjunto de técnicas e tecnologias e não mais, como antes, numa única técnica e tecnologia, assegurando enviar e receber programas de informação de cultura, de divertimento de forma regular na situação de uma economia do chamado “mercado duplo”, cuja instalação é efetuada a cargo de organizações com particularidade bem explícita.

Na sociedade dos meios, tem-se uma perspectiva funcionalista em que se vê o protagonismo nas instituições. Já na sociedade em midiatização, o foco está no processo em que instituições, tecnologias e linguagens estão inscritas. A sociedade dos meios, assinalada pela existência de dispositivos técnicos-discursivos, simplesmente intermediadores, concedem lugar para a sociedade em processo de midiatização. “Uma sociedade onde a cultura, lógicas e operações midiáticas afetam relacional e transversalmente, a própria sociedade, no âmbito mesmo de suas diferentes práticas” (FAUSTO NETO, 2008, p. 10).

Nas palavras de Gomes (2021):

A midiatização tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo. Desse modo,

se se tornaram parte do todo, não se pode vê-los como uma esfera separada. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Entretanto, muito embora vários pesquisadores utilizem o conceito de midiatização, cada um lhe dá o significado que melhor lhe agrada.

Isso significa que o conceito de midiatização é tratado com diversas concepções dos teóricos e estudiosos do assunto. A visão da comunicação na sociedade atual, sob a influência das novas tecnologias, vem sendo reconfigurada de maneira vigorosa. Na contemporaneidade, junto com as chamadas culturas de massa – criadas pelos modernos meios de comunicação – irrompe do mesmo modo uma nova cultura popular que modifica a comunicação entre os indivíduos da sociedade numa comunicação comprimida pelos meios eletrônicos de comunicação e informação.

Sendo assim, a comunicação no momento atual, é vista como a “forma pela qual uma sociedade põe em marcha e intercambia o conjunto de seus empreendimentos, sejam eles artísticos, sociais, políticos, científicos ou técnicos. Uma cultura complexa é uma cultura plural, aberta, circulando livremente pelo corpo social” (LEMOS, 2013). Podemos dizer que os meios de comunicação com suas diferentes ferramentas tecnológicas vêm, certamente, induzindo relevantes transformações na sociedade e nas suas atuais formas de organização. Estamos vivendo em tempos de tecnologias e essas tecnologias vêm se alastrando, de tal maneira, que incessantemente invade o cotidiano pessoal e profissional dos sujeitos de todos os campos de atuação social.

A questão da midiatização, por conseguinte, foi se garantindo na sociedade, tanto em plano nacional como internacional, como um objeto imprescindível para o trabalho dos estudiosos da área da comunicação. Pesquisadores de diversas instituições educacionais das “mais variadas regiões geográficas, por caminhos diversos e com pontos de partida distintos, arribaram à praia da midiatização como um conceito fundante para a compreensão do está acontecendo na sociedade” (GOMES, 2021).

Em consonância com os teóricos aqui mencionados e outros autores da literatura da área, Silverstone também se coloca contra as determinações tecnológicas, destacando um aspecto da mídia mais à frente da sua compreensão ferramental, do seu mecanismo tecnológico, indo para um âmbito de compreensão, nas suas palavras, “do que a mídia faz, e o que fazemos com ela”.

Para o autor supracitado, a categoria da mediação perpassa por tensionamento que transita pelo processo de midiatização. A mediação é, dessa forma, um dispositivo de regulação, de disposição, criando vínculos, suscitando viabilidades, sentidos, conceitos, valores, significações. “Nós, como produtores e consumidores, agimos e interagimos, urgentemente procurando compreender o mundo, o mundo da mídia, o mundo mediado, o mundo da mediação” (SILVERTONE, 2002, p. 34).

Precisamos, então, lembrar com Gomes (2021) que nessa realidade da midiatização:

Há um processo novo, através da proliferação das mídias sociais, potencializadas pela cultura digital, que resiste às abordagens setoriais, até agora levadas a cabo pela academia. Impera a necessidade de um conceito que, abrangente, consiga dar conta do que está acontecendo e possibilite

uma abordagem sistêmica para além dos meios particulares. Na nossa formulão, um paradigma que torne possível uma reflexão meta-midiática.

Nesse cenário, em que o avanço das tecnologias facilita para que os sujeitos se sintam necessitados de se comunicarem, de terem a sensação de estar mais perto, em razão da crescente participação do mundo todo nas redes digitais e utilizando os variados aparatos tecnológicos, o que podemos reparar é que as tecnologias tornam-se vetores de novas maneiras de agregação social (LEMOS, 2002).

Existe, contudo, discussão na literatura se esses recursos midiáticos oferecem de fato um terreno fértil para a reaproximação entre os homens e, no que se refere ao campo educacional, há também controvérsia sobre se essa realidade pode ser vista apenas do ponto de vista técnico determinista (Miège, 2009), ou seja, das suas inovações, sem um olhar crítico aos grandes desafios decorrentes do avanço das redes digitais no espaço do ensino superior brasileiro.

3 MIDIATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO AMBIENTE DO ENSINO SUPERIOR: IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES

Como vimos, a midiatização da sociedade abarca todas as esferas da vida cotidiana, espalha-se para todos os campos sociais. O campo educacional hoje também está midiatizado. Ou seja, cada vez mais, as diversas instituições vêm fazendo uso dos recursos da mídia, incluindo sua capacidade de trazer informações rápidas e em tempo real, cria conexões, vínculos, dinamiza as relações sociais e traz notabilidade com ações comunicativas.

O quadro do ensino superior e nos mais diversos níveis pode ser observado, hoje, como uma ação instrumentada na qual o aparato tecnológico traz interferências nas relações e nas interações pedagógicas. Dessa forma, o uso dessas tecnologias permite enxergar

as condições de ensino e aprendizagem como condições midiaticizada ou instrumentada constituindo-se um dos meios de atuação do professor no trabalho pedagógico (PEIXOTO; CARVALHO, 2021).

Significa dizer que, no campo da educação superior, a exemplo dos demais, a cultura midiática mostra-se com evidência, suscitando novas alternativas de ensino, de pesquisa, ampliando as possibilidades interacionais. Hoje, mais do que nunca, os agentes da educação superior têm um papel central nessa realidade midiática, devendo lançar para os inúmeros e constantes aparatos tecnológicos, um olhar crítico e, ao mesmo tempo, prudente e cauteloso. Consciente, ainda, de que aprender é passar da incerteza à certeza provisória, que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

Nesse sentido, é que o papel da mídia nos vários campos da vida humana, incluindo o da educação superior e, sobretudo, nesse novo cenário de pandemia do COVID 19, deve ser constantemente analisado, como objeto rigoroso de investigação, sempre com base na teoria social geral da midiaticização.

Como bem diz CITELLI (2021):

As práticas educativas, em suas diferentes modalidades, estão sendo crescentemente marcadas por uma cena histórica, cultural e sociotécnica no interior da qual os sistemas e processos comunicacionais jogam papel decisivo. Tornou-se insuficiente considerar que determinados vínculos, malgrado a sua permanente importância, como os que se apresentam nas relações aluno-professor, materiais didático-escolares e formação propedêutica, prosseguem impávidos condicionando os andamentos da educação formal. Tais nexos e outros compreendidos no cotidiano das salas de aula, materializados nos afetos, nas sociabilida-

des, nos trânsitos informativos, no domínio de conteúdos na formalização de conhecimentos, de que são sujeitos os jovens que circulam nos ambientes escolares, incluem percursos tecnológicos, acesso a diferentes veículos de comunicação, sobretudo, aqueles de matriz digital.

Para o autor, o que mais importa nesse contexto, é reconhecer, antes de tudo, que existem novos configuradores culturais circundando agentes do campo da educação. Então, tanto os docentes como os discentes sentem-se, de certa forma, obrigados a se inserir na realidade midiaticizada da educação. Assim, se faz necessário, compreender que a vivência dos discentes e de parte dos docentes, está muito vinculada às tecnologias de informação e educação e que é imperioso dialogar, questionar, incorporar, as grandes possibilidades de trabalho oferecidas à educação (CITELLI, 2021).

Podemos observar que, no atual momento, os diferentes aparatos tecnológicos vêm trazendo de forma contínua grandes possibilidades à formação do aluno em todos os níveis, inclusive do Ensino Superior, permitindo, devido à pandemia, a troca do ensino presencial pelo ensino remoto. O conteúdo acadêmico está disponível aos alunos de forma online, possibilitando que tenham acesso aos conteúdos e as suas atividades a qualquer momento, visando melhorar o aprendizado e gerar um aumento no seu desempenho, seja em sala de aula ou em casa.

Entretanto, sobre a influência da tecnologia no ensino, como alerta Braga:

A introdução das TICs no ensino não se deve remeter a um simples estatuto de substituição dos meios tradicionais (quadro negro ou manual es-

colar) ou do professor, mas sim, um papel ativo de mudança na forma como se aprende como se ensina e na interação entre atores na sala de aula, professor e alunos. (BRAGA, 2002, p.10).

Vale dizer que a introdução dos recursos no ensino não deve ser vista somente como um elemento de mudança dos métodos tradicionais. Esse novo modelo de educação online exige, para além da competência técnica dos docentes no manuseio das ferramentas digitais, que a maioria da população possa ter acesso à informação disponibilizada, principalmente no campo acadêmico, onde são discutidos e construídos os mais diversos conhecimentos.

Para o uso das tecnologias no espaço do ensino superior, é necessária uma adaptação das IES, para que de fato possam oferecer um contexto favorável ao processo ensino-aprendizagem. Isso implica ainda uma adaptação do professor em sua metodologia de ensino (FLORES; RIBEIRO; ECHEVERRIA, 2021).

A midiatização da sociedade, ao chegar ao campo da educação, proporcionou, certamente, uma grande revolução, renovando formas de enviar e utilizar as informações diárias. Apresentou um novo ambiente para o processo do ensino superior, um ambiente revigorado, repleto de mais recursos de pesquisas e formas diversas relacionadas à aplicabilidade do conteúdo proposto pelas universidades.

Presenciamos, atualmente, a um intercâmbio de conhecimentos técnicos, científicos, tecnológicos e culturais, cada vez mais veloz. O conhecimento científico não está em construção apenas na universidade, com salas de aula, biblioteca, professores de livro na mão, alunos anotando. O conhecimento na realidade contemporânea está em todo lugar. A universidade é apenas mais um canal (MAGALHÃES, 2016).

Vivemos além do nosso tempo. O tempo das redes, que não é o cronológico, “é o fluir de nossa interação com as redes em um tempo mediatizado. E vivemos além de nosso espaço, que não é físico, é nossa tele presença em espaços virtuais” (MARTINS, 1998, p. 123).

Contudo, não podemos deixar de evocar com Moran; Masetto; Behrens que:

Se a formação de qualidade dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os maiores desafios que enfrentamos em todas as épocas e, particularmente agora, que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento. (MORAN; MASETTO; BEHRENS 2000. p. 12).

Na mesma linha de pensamento, Nascimento (2003), acredita que a influência que as Tecnologias, especialmente, as redes digitais, passaram a exercer na educação deve ser analisada de maneira responsável e consciente. Para o autor, embora o ambiente mediatizado seja importante e propicie certa facilidade, ele, por si só, não é garantia de construção do conhecimento. Todos os sujeitos sociais na era da comunicação, de qualquer nível escolar e social, serão verdadeiros párias sociais, caso lhes seja negado acesso à capacitação das habilidades de:

Comunicar-se em língua nativa, lendo, escrevendo, falando ou estudando [...] Operar equipamentos eletrônicos que estarão presentes no trabalho, no lar, na escola, na igreja e nos locais de lazer; e [...] Tomar decisões nas situações em que as informações crescem exponencialmente. (NASCIMENTO, 2003, p. 52).

Dentro dessa realidade midiaticizada, o docente não é mais visto como um especialista em conteúdo, um detentor do conhecimento, seu papel não é transmitir conhecimento. Todo processo de ensino-aprendizagem acontece com docentes reais, que querem ou não aprender, num ambiente definido, com estrutura adequada ou não. Quer dizer, no processo de ensino, há toda uma confluência de fatores determinantes e determinados. A instituição recebe influência dos docentes e do discente. Esses, do mesmo modo, também exercem influência sobre o contexto institucional. Os discentes não aprendem assumindo uma postura contemplativa, não absorvem o conteúdo ministrado, sem estar participando ativamente, sem estar inteiramente envolvido com a produção do conhecimento (MAGALHÃES, 2016).

Nessa perspectiva:

As condições necessárias para que o aprendizado ocorra devem ser avaliadas como influenciadoras do resultado de qualquer esforço da IES. O que dizer dos professores que enfrentam dificuldades na estrutura de ensino (remuneração, espaço físico e liberdade de criação), falhas no apoio pedagógico e psicológico da instituição, sobrecarga de atividades e de horários de aulas? (FLORES; RIBEIRO; ECHEVERRIA, 2021).

Os autores destacam ainda que:

As Instituições de Ensino são um importante agente de mudanças neste contexto, com função de criar uma nova estrutura e novos procedimentos didáticos para incorporar, de forma crítica, uma diversidade de linguagens, formas de comunicação e de tecnologia. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) deve ser visto como uma oportunidade de aperfeiçoar a aprendizagem dos alunos, embasada em uma discussão crítica, mui-

to além da incursão de novos recursos didáticos. (FLORES; RIBEIRO; ECHEVERRIA, 2021).

Obviamente são gigantescas e expressivas as possibilidades que os aparatos midiáticos põem à nossa disposição. Estamos dependentes da Internet de tal forma que já não podemos mais imaginar a vida sem ela. Contudo, não podemos colocar as técnicas como centrais no contexto do ambiente midiático, deixando-nos seduzir, a ponto de entregar toda a nossa expectativa à inovação tecnológica, tal como alerta Miège (2009).

Afinal, ainda que, no processo da educação superior, os recursos midiáticos, com destaque para a Internet, agreguem variados elementos facilitadores do desenvolvimento das atividades pedagógicas e do incremento da construção do conhecimento científico, as tecnologias, com suas inúmeras possibilidades, incorporadas ao espaço da educação superior, também vem acarretando inúmeros desafios aos seus agentes, dos quais são cobradas condições de se adaptarem à velocidade das transformações geradas.

Com essas inovações, constantes desafios são lançados às instituições de ensino, induzindo a busca de conteúdos capazes de dar conta da formação de um aluno menos alienado e mais preparado para exercer as funções da sua profissão. O processo ensino-aprendizagem caracteriza-se por uma sensação de indeterminância e de indecisão, de não saber o que vai dar. (MAGALHÃES, 2016, p. 62).

Dito isso, podemos inferir que a educação midiaticizada embora exerça um grande fascínio, um deslumbramento por parte dos su-

jeitos educacionais, principalmente por parte dos alunos, não podemos deixar de lembrar que os avanços tecnológicos na educação não podem ser traduzidos como avanços educacionais. Muitos pontos precisam ser esclarecidos e analisados, haja vista que as concepções sobre o assunto, de certo modo, apresentam ainda controvérsias.

4 MUDIATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: TRANSFORMAÇÃO OU REIFICAÇÃO TECNOLÓGICA?

Recuperando, nesse tópico central das nossas reflexões, as concepções já apresentadas em torno dos processos midiáticos em que os usos das tecnologias e das mídias interativas vão se alastrando por todos os campos e, da mesma maneira dos demais, o espaço educacional vem sendo atingido e marcado por grandes mudanças. Todo sujeito participante do processo ensino aprendizagem, em relação com a Internet e suas mais variadas ferramentas está, como vimos, situado dentro dum contexto mais amplo de uma sociedade em midiatização.

Atualmente, no contexto pandêmico, mais do que nunca, a educação se encontra envolvida no chamado ensino remoto, em que a presença de tecnologias é incontestável e passou a ser parte da vida cotidiana dos agentes educacionais nas diferentes dimensões do ensino.

Assim, na educação superior a determinação pelo uso das tecnologias chegou de forma independente do desejo dos docentes e discentes. De repente, o sujeito educacional “teve suas atividades subitamente alteradas. O ensino, até então presencial, transportou-se para ambientes virtuais, obrigando profissionais da educação e estudantes a buscarem, repentinamente, novas práticas” (OLIVEIRA; FERNANDES; ANDRADE, 2021).

No entendimento de FLORES; RIBEIRO; ECHEVERRIA (2021):

As universidades estão absorvendo a ideia de que a tecnologia está entrando rapidamente nas organizações e, diante deste contexto, deve haver uma vinculação do ensino proposto pela academia com a tecnologia utilizada no ambiente das organizações. Se não houver uma aproximação da academia com a realidade tecnológica das empresas, corre-se o risco dos alunos egressos estarem sendo formados para uma realidade que já está superada tecnologicamente. Há uma necessidade de inovações e utilização de novas ferramentas dentro e fora das salas de aula.

A questão é: como e até que ponto essa realidade midiática, com seus mais diversos e inovadores recursos, pode ser vista como uma ideia totalmente positiva para o ensino superior? A literatura sobre o assunto fala sobre isso, manifestando algumas indagações, agruras, tensões. Certamente que, com algumas já definidas na própria literatura, mas igualmente apontando para determinadas dificuldades e lacunas. Alguns teóricos da área colocam-se plenamente a favor, naquilo que se refere às contribuições das tecnologias para o processo ensino-aprendizagem. Estamos nos referindo à perspectiva de autores, como Lévy (1999, 2000) que, numa visão instrumentalista e funcional de educação, fala das tecnologias de informação e comunicação como centrais na construção do social, bem como as concepções de outros teóricos, que, como Miège (2009), se posicionam a favor da crítica ao que ele chama de tecnodeterminismo, alertando que, para além das transformações, o lado também negativo também existe nesse processo. E optando por um entendimento comunicacional, analisa o desenvolvimento tecnológico através de suas

determinações sociais e “as mutações e mudanças sociais relativas à informação – comunicação através da emergência e da estabilização das TICs” (MIÈGE, 2009, p, 18).

Para o autor, nessa discussão, o que realmente importa é mostrar:

Em que medida a esfera técnica também é feita de social, e em que medida as lógicas sociais da comunicação encontram objetos técnicos e se ‘sedimentam’ entre si; em outros termos, trata-se de buscar como um (a esfera técnica) e outro (o social na sua complexidade) se articulam, e de abandonar o esquema de pensamento muito difundido, segundo o qual tudo provém de uma, ou de uma série de inovações técnicas principais; o resto, ou seja, o social, o cultural, o simbólico etc., delas depende e tem de a elas se adaptar. (MIÈGE, 2009, p.18).

Embora o processo comunicativo, na realidade da midiatização, não se limite ao desenvolvimento da técnica em si, mas, enquanto processo, ele só pode ser entendido no enredo das relações e processos sociais, afinal, no interior desse processo, são produzidas diversas mudanças, positivas ou não, em todas as dimensões da vida social, gerando necessidades, representações, sentimentos, exigindo, respostas da sociedade acerca dessa nova realidade (MAGALHÃES 2016).

Nesse sentido, por maiores que sejam os sentimentos de atração, deslumbramento ou de insegurança e imprevisibilidade, decorrentes da onipresença da midiatização sobre a sociedade, não podemos nos deixar aprisionar por eles. Da mesma forma, também não podemos deixar de reconhecer seus efeitos transformadores.

Os processos midiáticos não são foguetes, balas lançadas sob os sujeitos sociais e tampouco a sociedade é mero alvo dos seus efeitos. Todos os cidadãos da chamada sociedade em midiatização podem e devem adotar diante desses processos um posicionamento consciente, crítico e cauteloso para que essa realidade possa ser continuamente explorada e enriquecida.

Sabemos que o ambiente das tecnologias no ensino superior e formas de usos e apropriações no desenvolvimento da atuação acadêmica, são determinados não somente pelo contexto da instituição, mas também pelas formas subjetivas como cada um dos seus sujeitos concebem a realidade e realizam seu trabalho.

A midiatização da educação superior por si mesma não assegura a comunicação interativa e um ensino de qualidade. Afinal, as mudanças não acontecem de forma automática, as verdadeiras mudanças só se concretizam mediante ações analíticas, questionadoras, para além da perspectiva determinista.

Esse determinismo tecnológico a que Miège (2009) se refere no seu estudo é o que batizamos de “reificação tecnológica”, que seria a limitação da análise das tecnologias como coisas, ou seja, “transformá-las em fetiches, enxergando meramente as perspectivas oferecidas pelas técnicas, desconectando-as dos agentes que as criam e as recriam, dos que agem e reagem, refletem e opinam sobre as coisas que os cercam” (MAGALHÃES, 2016).

Acreditamos que para encontrar resposta ao questionamento lançado no título desse item, ou seja, se a midiatização da educação superior pode ser considerada transformação ou reificação tecnológica, dois pontos devem, antes de tudo, ser elucidados:

As principais características contextuais (condições concretas da instituição de ensino) para a utilização dos meios eletrônicos;

Conhecimentos sobre quem são os agentes educacionais que mantêm usos e interações na perspectiva de práticas construídas em meios tecnológicos.

Isso porque sabemos que, tanto o contexto da instituição de ensino superior como os agentes educacionais são fundamentais para que haja as transformações desejadas. A instituição deve se manter preparada para o ensino midiático, possuindo um ambiente ideal de tecnologias com um número adequado de equipamentos, considerando também a questão da inclusão tecnológica, uma das maiores implicações presente nesse contexto atual de ensino no país.

Por outro lado, os docentes e discentes, submetidos a entrar nesta “onda midiática da educação”, tendo muitos deles dificuldade de acesso às diversas ferramentas, deparando-se com sérios desafios, não somente no que se refere ao conteúdo e às novidades, mas, sobretudo, à falta de habilidades técnicas para o manuseio dos diferentes recursos e de competências para o desenvolvimento de ações em constante sintonia com a sociedade em midiatização.

Sem deixar de reconhecer que o enorme potencial do contexto tecnológico da sociedade midiatizada pode certamente trazer mudanças e influir de maneira significativa no processo educacional, não podemos deixar de ressaltar que tudo isso, com certeza, potencializa sentimentos ambíguos, diversos, contraditórios, que manifestam a conflitualidade subjacente aos processos de midiatização da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste estudo que buscou refletir sobre a midiatização da educação superior, devemos ressaltar que o objetivo

traçado não permite que cheguemos a conclusões encerradas. Afinal, o tema é complexo, intrincado e, considerando a atual conjuntura do contexto pandêmico em que se encontra a sociedade, se exige aprofundamento, pois o assunto possui múltiplos aspectos que devem ser analisados.

Entretanto, dentro do que nos propusemos, tomando por base o pensamento dos diversos teóricos, podemos inferir que, embora a realidade da midiatização tenha trazido inovações à realidade da educação superior, não podemos simplesmente transformá-la em destino, mas sim, permanecermos cautelosos, permanentemente atentos, munidos de prudência e de coragem, ambicionando, de modo coletivo, crítico e consciente, usufruir de todas as transformações que a mídia com seu amplo conjunto de ferramentas podem proporcionar.

Contudo, como já frisamos, muito ainda precisa ser explicitado, analisado, posto que os estudiosos do tema não atingiram uma concepção unânime. Ainda existem alguns que se colocam contra e outros, a favor, no que se refere às transformações benéficas das tecnologias como ferramentas, no ambiente da educação.

Diante de constantes desafios impostos aos docentes e discentes do ensino superior, o que demarcamos em nossas reflexões é que, somente indo além da visão reificada das tecnologias e, de modo acautelado e perspicaz é que os agentes educacionais poderão estar aptos a conquistar os efeitos que realmente aspiram dessa situação, rompendo com a visão simplista, entendendo as tecnologias para além da ordem técnica e assumindo um comportamento que não seja de idolatria, deslumbramento, ou resistência e rejeição, mas sim, um comportamento crítico e consciente acerca dos diversos desdobramentos e efeitos que afetam o espaço educacional.

As concepções apreendidas neste estudo revelam que as tecnologias, na sua evolução, continuarão a produzir tanto possibilidades, inovações como também novas e estimulantes implicações aos agentes educacionais, que, enquanto atores participantes da realidade atual, seja por pressão social ou institucional, seja por receio de ficar de fora desse mundo tecnológico, são levados de qualquer forma a se inserir na realidade midiática.

Para isso, se faz necessário que docentes e discentes do ensino superior tenham efetivo apoio institucional, inclusive, no sentido de obter maiores competências técnicas e de criar espaço para seus agentes fazer a circulação do conhecimento entre os alunos, professores e comunidade, investindo na visibilidade das suas ações e produções, aprimorando as condições para a incorporação dos seus agentes na lógica da realidade midiática.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. **Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada**. Geraes. Estudos em Comunicação e Sociabilidade, Minas Gerais, n.53, p. 26-39, 2002.
- CITELLI, Adilson. **Midiatização e educação**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1148-1.pdf> Acesso em: 20 nov. 2021.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização: prática social, prática de sentido**. UNISINOS. PPGCC, 2006. Texto Rascunho.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.
- FLORES, Álvaro Dall Molin; Luciano RIBEIRO, Macie; ECHEVERRIA Evandro Luiz. **A tecnologia da informação e comunicação no ensino superior: um olhar sobre a prática docente**. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n05/a17v38n05p17.pdf>. Acesso em: Nov. 2021.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes**. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/22253/14176> Acesso em Nov. 2021.
- LEMOS André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Pierre. **As novas tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MAGALHÃES, Reia Sílvia Rios. **Internet e produção acadêmica: a inscrição de docentes e discentes em processos midiáticos**. Teresina: EDUFPI, 2016.
- MARTINS, Francisco Eduardo Menezes. **Informação e cultura no tempo das redes**. In: **Tendências na comunicação**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- MIÈGE, BERNARD. **A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação entre inovações e enraizamento social**. Tradução Florence Trazet. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORAN J. M; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas/SP: Papirus, 2000.
- NASCIMENTO, Raimundo Benedito do. **Tecnologia da informação na educação: relato de uma investigação**. In: ANDRIOLA, Wagner Bandeira et al (Orgs.). **Fiat lux em educação**. Fortaleza Editora da UFC, 2003.

OLIVEIRA, Jussara de Fátima Alves Campos; FERNANDES, Juliana Cristina da Costa; ANDRADE, Elisângela Ladeira de Moura. **Educação no contexto da pandemia da Covid-19**: adversidades e possibilidades. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/65332/35640> Acesso em: Nov. 2021.

PEIXOTO, Joana; CARVALHO, Rose Mary Almas de. **Mediação pedagógica midiaticizada pelas tecnologias?** Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/15671/8499>. Acesso em: Nov. 2021.

SILVERSTONE, Roger: **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

Autoria

Reia Silvia Rios Magalhães

Professora Adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Mestre em Serviço Social pela PUC de São Paulo. E-mail: reiaros@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-9867-1336.